



INTERSUBJETIVAÇÃO E FILOSOFIA AFRO-BRASILEIRA QUANDO DANÇAM OS PENSAMENTOS

Ana Caroline Da Silva Silvestre¹
Elizia Cristina Ferreira²

RESUMO

O presente trabalho traz reflexões sobre as contribuições da filosofia afro-brasileira pensada a partir do legado dos povos africanos na diáspora para temas filosóficos. Pensar na filosofia desde o território que nos constitui em diálogo com o pensamento contemporâneo mundial, adaptada às condições do território brasileiro em diálogo com nossas produções filosóficas, artísticas, nossas manifestações populares e com as iniciativas que de algum modo respondem a tal proposição. Este trabalho analisa a capoeira, o samba e a dança africana Toyi Toyi como expressões culturais baseadas nas experiências do povo negro, que surgiram em contextos de escravização, violência e resistência. Essas manifestações são hoje a representação de uma luta contra a dominação e a marginalização, permitindo às comunidades afro-diaspóricas resistir ao apagamento cultural, perpetuando a memória histórica e ancestral, destacando o poder da cultura na luta contra a opressão. Assim, a capoeira, o samba e o Toyi Toyi são expressões fundamentais da resistência negra, reafirmando a importância das tradições culturais na construção de identidades e na luta por justiça e igualdade.

Palavras-chave: Corpo; Resistência; Dança; Filosofia.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, IHL MALÊS - Instituto de Humanidades e Letras - Malês, Discente, anacaroline.silvestre12@gmail.com¹
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, IHL MALÊS - Instituto de Humanidades e Letras - Malês, Docente, elizia@unilab.edu.br²

INTRODUÇÃO

As expressões culturais representam mais do que simples manifestações artísticas, elas são símbolos históricos de resistência, luta e preservação da identidade de um povo, como a capoeira, o samba e a dança africana Toyi Toyi. Originadas em contextos de escravidão, opressão e violência, essas expressões diaspóricas apresentam uma importância simbólica que transparece a luta e resistência de um povo que, ao longo da história, foi submetido a processos de dominação e marginalização. Carregando o peso da diáspora africana, que forçou milhões de africanos a se dispersarem pelo mundo, a existência dessas manifestações culturais pôde garantir a sobrevivência e a transformação de tradições culturais, desempenhando um papel crucial na formação e fortalecimento de comunidades negras em diferentes partes do mundo, tornando-se consequentemente, um lembrete constante das lutas históricas e das conquistas de um povo.

A literatura consultada para este trabalho reafirma a importância dessas manifestações, demonstrando a necessidade de uma abordagem filosófica que reconheça e valorize esses saberes populares como verdadeiros arquivos de resistência cultural. Ao analisar como a capoeira, o samba e o Toyi Toyi se relacionam com a noção de subjetividade e performatividade, buscamos compreender como essas práticas podem ser interpretadas como expressões de uma filosofia que desafia a marginalização e promove a inclusão.

METODOLOGIA

A metodologia adotada neste trabalho se baseia no ponto de vista de que práticas e manifestações culturais podem ser entendidas como arquivos vivos, capazes de revelar e registrar saberes, histórias e filosofias ancestrais. A partir disso, foi aplicado na prática, através de projetos e ações de extensão que fazem parte da linha de pesquisa e reconhecem essas iniciativas como fontes ricas para o desenvolvimento do conhecimento, como o grupo de extensão "AnDanças", que propõe exercícios práticos e teóricos, explorando o movimento corporal como forma de expressar uma filosofia. Essa abordagem não apenas valoriza a dança como prática artística, mas também a posiciona como um meio de conhecimento, onde cada movimento e cada ritual servem como um arquivo que resgata e reinterpreta a sabedoria ancestral. Além da leitura de obras que ajudam a compreender a noção de subjetividade contemporânea e sua relação com a performatização do pensamento, articulando teoria e prática, onde se propõe que as manifestações culturais sejam vistas não apenas como expressões artísticas, mas como arquivos vivos de resistência e identidade, que nos permitem acessar e reinterpretar as narrativas e filosofias que emergem das experiências do povo negro.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este trabalho se propõe a explorar as manifestações culturais sob a perspectiva de sua importância histórica e social, analisando como elas carregam em si a memória coletiva de um povo e funcionam como formas de resistência ao colonialismo, à escravidão e à discriminação racial. Ao investigar a capoeira, o samba e o Toyi Toyi, busca-se compreender não apenas suas origens e evolução, mas também o papel fundamental que desempenham na construção da identidade afro-brasileira e na luta contínua por reconhecimento e valorização cultural.

A capoeira, o samba e a dança sul africana Toyi Toyi são expressões culturais com raízes pertencentes a experiências do povo negro, especialmente em contextos de escravidão, violência e resistência. Essas expressões diaspóricas apresentam uma importância simbólica que transparece a luta e resistência de um



povo que, ao longo da história, foi submetido a processos de dominação e marginalização. Ao analisarmos essas manifestações culturais de forma mais ampla, é possível perceber como elas carregam em si a resistência ao colonialismo, à escravidão e a discriminação racial.

"As práticas performativas, como a dança, o canto e os rituais, funcionam como canais de expressão da memória coletiva, permitindo às comunidades afro-diaspóricas resistir às tentativas de apagamento cultural." (Ligiéro, 2011)

A capoeira hoje se faz presente como algo ancestral, como instrumento de recapitulação de uma história apagada e negada, a do povo negro, trás o reconhecimento de uma profissão, mas para além disso, carrega consigo uma importância histórica, ela não apenas permitiu que os africanos escravizados mantivessem e ressignificassem suas tradições culturais, mas também funcionou como uma ferramenta prática de resistência física. Para muitos, aprender capoeira era uma maneira de se preparar para possíveis fugas ou insurreições, como aquelas que ocorriam nos quilombos. Essa expressão cultural brasileira sempre lutou por reconhecimento, afinal ela estava lado a lado com a escravidão e as lutas de resistência dos escravizados negros. Essa manifestação cultural, que hoje é mais valorizada, foi considerada crime, logo que ganhou notoriedade, sendo proibida pelo Código Penal de 1890 e tempos depois foi declarada como esporte pelo presidente Getúlio Vargas. Mestre Bimba teve um papel muito importante no processo de retirar a capoeira da marginalidade e a partir disso conseguiu introduzi-la nas academias. A capoeira ganha formalmente status de patrimônio cultural brasileiro a partir do Decreto nº 3.3551/2000, da Lei nº 12.288/2000, Lei nº 10.639/2003 e Lei Municipal nº 9.041/05, a qual protege por lei suas práticas, origens e liberdade de expressão. Além de ter sido declarada patrimônio imaterial da humanidade em 2014 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

A autora Elizia Cristina Ferreira traz em um de seus textos a seguinte fala: "[...] Em nosso solo ameríndio, as motrizes africanas, a escravidão, a exploração dos povos e a sua resistência têm criado maneiras de atuar nesse mundo, em performances ditas populares nas quais os movimentos cotidianos são re-significados e reelaborados [...]", onde transparece o papel que o samba e a capoeira têm, ainda hoje, para diversas pessoas, principalmente pensando a partir do contexto que essas manifestações surgiram. Essas manifestações já foram símbolo de muita dor e hoje têm sido ressignificadas, não para esquecer da dor, mas para perpetuar a resistência e a ancestralidade que elas representam.

O samba surge para além de um gênero musical brasileiro, mas como símbolo de resistência cultural, tendo suas raízes nas tradições africanas, ao qual foram trazidas pelos escravos, fundido-se com influências indígenas e europeias, tornando o samba uma brasileira autêntica. Mas, assim como a capoeira, o samba foi marginalizado durante muito tempo, sendo indesejado pela elite brasileira, e com isso, sendo repreendido pelas autoridades policiais. As rodas de samba se tornaram espaços de resistência, com a finalidade de celebrar a cultura e identidade de um povo. O samba começou a ganhar aceitação a partir do ano de 1930, porém, essa aceitação surgiu com a condição de que o samba se adaptasse aos gostos das classes médias e altas.

A autora Elizia Cristina Ferreira traz em seu artigo "Umbigo do mundo - subjetividade, arte e tempo" um trecho que fala sobre o samba no contexto do dia a dia das sambadeiras, "[...] essas práticas não se separam da vida, do trabalho e da devoção. Os múltiplos aspectos do cotidiano são integrados nas suas performances [...]", e esse trecho acaba se relacionando com que o autor José Luiz Ligiéro Coelho discute diante do conceito de "motrizes culturais" onde ele afirma que a partir dos estudos das práticas performativas Afro-Americanas as motrizes culturais é entender que não são apenas os elementos em si como a dança, o canto, o batuque, os materiais visuais, o enredo, etc. que são a essência da tradição, mas o relacionamento criado entre eles pelo performer. Ao celebrar suas raízes africanas, o samba também desafia a hegemonia cultural

européia e reivindica o protagonismo negro na construção da identidade nacional brasileira.

Toyi-toyi é uma dança que surge como forma de protesto, se originando na África do Sul e sendo usada durante o período do apartheid como um símbolo de resistência contra a opressão e a injustiça. A toyi-toyi surgiu nas décadas de 1970 e 1980, ela combina dança tradicional africana e de treinamento militar, refletindo a determinação e a força dos manifestantes.

A toyi-toyi servia para aumentar a coragem dos manifestantes frente às mobilizações, onde a intenção era que com os cânticos e os movimentos dos envolvidos criassem um senso de comunidade e entendessem que todos tinham um propósito em comum, além disso a dança também era usada para intimidar e demonstrar a força conjunta dos manifestantes. Mesmo após o fim do apartheid, a toyi-toyi continua sendo usada em protestos e manifestações, sendo um símbolo de resistência que não ficou contida apenas na África do Sul, mas em outras partes do mundo. O Toyi Toyi, assim como a capoeira e o samba, reflete o poder da cultura como uma forma de resistência à opressão. Ele transformou uma prática tradicional em um ato político, usando o corpo como uma ferramenta de luta. O Toyi Toyi é, portanto, uma expressão tanto de luta quanto de celebração da vida e da resistência.

"A memória inscrita no corpo desafia o apagamento histórico, mantendo vivas as tradições culturais e resistindo às tentativas de silenciamento das vozes subalternas." (Ramos, 2016)

CONCLUSÕES

Este trabalho ressalta a importância das manifestações culturais afro-brasileiras como arquivos vivos de resistência, que não apenas preservam a memória histórica, mas também oferecem uma forma de luta contra a opressão e a marginalização. A análise dessas três manifestações culturais revela como as manifestações culturais/artísticas negras são frequentemente emergidas em contextos de opressão e consequentemente são moldadas como formas de resistência. Essas práticas culturais servem não apenas como formas de entretenimento ou celebração, mas também como ferramentas para reafirmar a identidade, manter tradições vivas e resistir às tentativas constantes de apagamento cultural.

A capoeira, inicialmente marginalizada e criminalizada, resgatou suas raízes e se consolidou como patrimônio imaterial da humanidade, simbolizando a luta e a sobrevivência do povo africano no Brasil. O samba, nascido nas favelas e comunidades negras, passou de marginalizado a símbolo nacional, sem perder suas raízes de resistência. Já o Toyi Toyi, criado em meio à luta contra o apartheid, permanece um ícone de protesto e unidade entre aqueles que buscam justiça e igualdade. Essas manifestações carregam a história, a dor, a alegria e a esperança de um povo, perpetuando a resistência à opressão e reafirmando a importância da cultura como uma arma poderosa contra a dominação.

As reflexões aqui apresentadas demonstram que a filosofia afro-brasileira se enriquece ao dialogar com essas expressões culturais, reconhecendo-as como instrumentos de conhecimento e resistência. Além disso, a metodologia adotada, que envolve projetos de extensão e a prática reflexiva, confirma que o corpo e o movimento são ferramentas poderosas para acessar e reinterpretar as narrativas afro-diaspóricas. Esse trabalho não só contribui para o reconhecimento dessas manifestações como patrimônio cultural, mas também propõe um olhar filosófico que valoriza a experiência e o saber popular, ampliando o campo de diálogo sobre a diversidade cultural no Brasil.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha profunda gratidão a todos que contribuíram para a realização da minha

pesquisa.

Em primeiro lugar, agradeço à minha professora orientadora, Elizia Cristina, pela orientação dedicada e pelo apoio inestimável ao longo de todo o processo. Sua expertise e paciência foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.

Também sou grato à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira por proporcionar um ambiente acadêmico enriquecedor e pela oportunidade de conduzir esta pesquisa.

Por fim, agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) pela concessão da bolsa de incentivo, que viabilizou a dedicação exclusiva à pesquisa. Este apoio financeiro foi crucial para a execução deste trabalho.

A todos, meu sincero obrigado.

REFERÊNCIAS

- ABIB, Pedro. CAPOEIRA, GLOBALIZAÇÃO E DESCOLONIZAÇÃO.
- AUSSE, Luís. SABERES ANCESTRAIS: A PERFORMANCE DO RITO NAS CANÇÕES DA DANÇA DE CAÇA MAKWALO, DO POVO YAWO. RD-Ano9, Vol. 10, N.20 ISSN 2318-2229. <http://periodicos.ufam.edu.br/Decifrar/index>.
- BASTOS, Beatriz Borges, FERREIRA, Elizia Cristina e RIBEIRO, Débora Menezes. Andanças: o movimento corporal do pensamento. In: LIMA, Adriana dos Santos Marmore; SANTOS, Ana Cristina Mendonça; SOBREIRA, Gersa Cruz. Ecologia de Saberes na Universidade. Salvador: EDUNEB, 2019.
- DIAS, Juliana Braz. Dança e conflito - uma reflexão sobre o toyi-toyi sul-africano. Antropolítica Niterói, n. 33, p. 99-117, 2. sem. 2012.
- FERREIRA, Elizia Cristina. Expressividade e gestualidade afro-brasileira. In: SILVA, C. A. F. CARDOSO, L. KAHLMEYER-MERTENS, R. S. (orgs). Festschrift aos 20 anos do Simpósio de Filosofia Moderna e Contemporânea da Unioestes. Série Estudos Filosóficos n 16. Cascavel: EDUNIOESTE, 2016. P. 231-244.
- FERREIRA, Elizia Cristina. Geléia Geral - Fenomenologia do mundo da vida latino-americano. In: FRAGMENTOS DE CULTURA, Goiânia, v. 31, n. 1, p. 165-179, jan./mar. 2021.
- FERREIRA, Elizia Cristina. Umbigo do mundo - subjetividade, arte e tempo. Ensaios Filosóficos. , v.XV, p.127 - 143, 2017.
- FREIRE, Ida Mara. Ação política e afirmativa: dança e corpo no discurso educacional sul-africano pós-apartheid. In: Revista O Teatro Transcende do Departamento de Artes CCE da FURB Blumenau, v. 16, n. 2, p. 30-42, 2011.
- FUKIAU, Kimwandende Kia Bunseki. A VISÃO B NTU KONGO DA SACRALIDADE DO MUNDO NATURAL. Tradução Makota Valdino Pinto.
- Jesus, Thiago Silva de Amorim. Saberes-fazer em danças populares / Thiago Silva de Amorim Jesus; Marco Aurélio da Cruz Souza, Ana Macara organizadores. - Salvador /; ANDA, 2020.
- JUNIOR, Antonio Filogenio de Paula. Filosofia afro-brasileira: epistemologia, cultura e educação na Caiumba Paulista. Piracicaba, SP, 2019.
- LIGIÉRO, Zeca. O CONCEITO DE "MOTRIZES CULTURAIS" APLICADO ÀS PRÁTICAS PERFORMATIVAS AFRO-BRASILEIRAS. R. Pós Ci. Soc. v.8, n.16, jul./dez. 2011.
- Machado, A. F. y De Oliveira, E. D. (2022). Filosofia africano-brasileira: ancestralidade. encantamento e educação afrorreferenciada. Cuadernos de Filosofía Latinoamericana, 43(126). <https://doi.org/10.15332/25005375,7512020>.
- NASCIMENTO, Emanuel Angelo. O corpo deslizando sentidos: o en(tre)lace discursivo do político nas



fronteiras com o social. Bakhtiniana, São Paulo, 15 (3): 181-203, jul./set. 2020. D.O.I. <http://dx.doi.org/10.1590/2176-457345978>.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. DAS ARTES SONORAS AFRICANAS E SUA CIRCULAÇÃO: O PROTAGONISMO ATLÂNTICO DO ARCO MUSICAL DA CAPOEIRA. Revista África[s]. E-ISSN 2446-7375 ISSN Impresso 2318-1990 Vol. 9 | Nº. 17 | Ano 2022.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Tradução Wanderson Flor do Nascimento. 1. ed. - Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

RAMOS, Jarbas Siqueira. O CORPO COMO REPERTÓRIO NAS PERFORMANCES CULTURAIS. Uberlândia v.3 n.2 dez. 2016 p.53-64. DOI: <http://dx.doi.org/10.14393/issn2358-3703.v3n2a2016-06>.

SANTOS, Tiganá Santana Neves. A cosmologia africana dos bantu-kongo por Bunseki Fu-Kiau: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil. São Paulo, 2019.

SCHIFFLER, Michele Freire. Literatura, Oratura e Oralidade na Performance do Tempo. 2017. REVELL ISSN: 2179-4456 v.2.

SILVA, Renata de Lima; Rosa, Eloisa Marques. Performance Negra e a Dramaturgia do Corpo no Batuque Rev. Bras. Estud. Presença, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 249-273, maio/ago. 2017.